



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11802 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

REAFRICANIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS DA FORMAÇÃO INICIAL, A PARTIR DE CARTAS À GUINÉ-BISSAU

Flávia Paola Félix Meira - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Julvan Moreira de Oliveira - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Agência e/ou Instituição Financiadora: .

REAFRICANIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS DA FORMAÇÃO INICIAL, A PARTIR DE CARTAS À GUINÉ-BISSAU

No ano de 1973 é proclamada a independência de Guiné-Bissau, fruto de conflitos iniciados em 1956, teve como uma das maiores lideranças Amílcar Lopes Cabral, do Partido Africano para a independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), assassinado meses antes. Considerado o Pedagogo da Revolução, tinha a educação como ferramenta na luta pela libertação do país. E é com esses *camaradas* que Paulo Freire dialogou, entre a prática e teoria, a práxis da libertação durante o processo de alfabetização e pós-alfabetização de uma país pós colonizado que caminhava para reafricanizar-se.

O presente trabalho, que desenvolvemos em nossa pesquisa de doutorado, propõe dialogar sobre as possibilidades de implementação das Diretrizes Curriculares de Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER) nos currículos, a partir de algumas contribuições realizadas por Freire (1978) no livro “Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo”, chamado pelo mesmo de livro relatório, no processo de reeducação deste país. A fim de nos subsidiar, recorreremos à análise de conteúdo como método de pesquisa (BARDIN, 2011; FRANCO, 2012), abarcado desde a leitura, aos apontamentos das hipóteses.

Entre as propostas apresentadas pelas DCNERER, além do conteúdo nos currículos, constam a urgência pelo debate quanto as Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização das Ações Afirmativas, abarcando o reconhecimento das injustiças sociais e

econômicas, a valorização da cultura e prioritariamente o fortalecimento da identidade negra.

Dessa forma, considerando os impactos que o colonialismo exerce nos países colonizados, desde a violência física, a problemas social, cultural e econômico, quais seriam as estratégias para reconstrução dessa sociedade, em destaque na perspectiva da educação contra-colonizadora e decolonial (SANTOS, 2019; TORRES, 2020) na busca dos da reconstrução do saber, ser e poder. Nesse sentido, Freire sugere realizar o *suicídio de classe* a partir de Amílcar Cabral onde “aqueles e aquelas que, percebendo-se assumidos pela velha ideologia, vão dela desfazendo-se na nova prática à qual aderem” (1978, p.16), se reconstruindo e re-africanizando. Assim, podemos afirmar que reafrikanizar a partir das DCNERER na construção de currículos seria “desencadear processos de processos de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida” (2013, p.19).

O livro é dividido em duas partes, a primeira, uma introdução com subdivisões, denominada momentos, que também contribui para nossa reflexão, e a segunda parte, formadas por 17 cartas endereçadas a Mário Cabal, Ministro da Educação no pós-independência que Freire chama de camarada, e outras a equipe de alfabetização.

Na primeira parte, o autor nos convida a compreender sobre o lugar partimos e como chegar neste espaço: “Partíamos, pois, de uma posição radical: a da recusa a qualquer tipo de solução empacotada ou pré-fabricada; a qualquer tipo de invasão cultural, clara ou manhosamente escondida” (1978, p.11). Abrindo um parêntese, é importante ressaltar que os processos de descolonização da educação no Brasil e de Guiné são distintos, bem como os momentos e contextos de cada país, e que essa produção procura ser uma inspiração e apoio para nosso processo reformulação curricular na perspectiva emancipatória, uma vez que o currículo é um campo de poder e de disputa, bem como de representação (SILVA, 1999).

Nestes mesmos documentos, Freire endossa que é preciso aprender primeiro para depois ensinar, onde as experiências se reinventam, não sendo transplantadas, devendo conhecer os envolvidos e problema centrais, buscando descolonizar mentes, assumindo com seu povo, a sua história (p.12-13) se aproximando com a proposta do desenvolvimento da consciência política e histórica da diversidade que as DCNERER recomenda (2013, p.19), buscando caminhos para o diálogo e o combate ao preconceito e construção de ações respeitadas. Nas linhas seguintes, destaca-se sobre a manutenção e importância da comunhão dos trabalhadores, em diálogo com o propósito da luta revolucionária iniciada por Amílcar Cabral, seguindo pela sinergia entre o trabalho intelectual e manual, chamado pelo autor de trabalho útil, diferente do trabalho de nossa sociedade capitalista, mas um trabalho coletivo, se aproximando dos valores civilizatórios e do bem-viver, possibilitando práticas de cuidado, cooperação e reciprocidade entre educando e educador (FLEURI, 2017).

Já na segunda parte, entre as cartas, são várias as possibilidades, em especial nas que remetem ao diálogo com a equipe de alfabetização. Nelas, de forma muito cuidadosa, o autor se mostra disponível, com o desejo de servir. Aponta sobre evitar a “que fazer mecânico” no

processo de alfabetização, mas, ao contrário deve-se respeitar o que foi elaborado neste percurso, na busca de sua palavra e que essa seja feita de forma libertadora. Em consonância com as DCNERER, indagamos de como seria o “alfabetizar” para a educação das relações étnico-raciais, quais as estratégias para desenvolver o letramento racial, a nossa palavra de forma libertadora e emancipatória, atuando como professor – militante. Neste caminhar, observamos muito os professores não estarem preparados para abordar o tema e prioritariamente sobre o racismo em sala de sala, muito fruto da democracia racial e das estratégias de branqueamento ainda presente, o que demanda além de uma formação robusta, o acolhimento. A educação das relações étnico-raciais como prática da liberdade demanda compromisso com a causa, conjunto com a prática e leitura da realidade social e trabalho coletivo, evitando a dicotomização, também recomendada por Freire (1978) que aqui referenciamos como combater ao binarismos, selvageria e civilização (HALL, 2016), também presente nas cartas.

Por fim, destacamos a agenda para reconstruir um currículo que seja realmente antirracista e emancipatório, que não basta apenas substituir um velho programa adequado aos interesses do colonizador por um novo, mas em estabelecer a coerência entre a sociedade reconstruindo-se revolucionariamente e a educação como um todo que a ela deve servir (FREIRE, 1978, p. 113).

Palavras-chaves: DCNERER, currículo, Paulo Freire.

Referências

BARDIN, Laurence (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70.

BRASIL. **Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: 4ª edição, Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em Processo. 2ªed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. **Revista Educação Pública, Cuiabá**, v.26, n 62/1, Maio/Agosto 2017, p.277-294.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão técnica Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Wiliam Oliveira Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: CHAVES, Marjore Nogueira; FILICE, Renísia Cristina Garcia; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. OLIVA, Anderson Ribeiro. (Orgs) **Tecendo redes antirracistas**. 1. Ed. Belo

Horizonte: Autêntica, 2019. p. 23 – 36.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TORRES, Nelson Maldonado. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: In: COSTA, Joaze Bernardinho; GROSFUGUEL, Ramón; TORRES, Nelson Maldonado (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.27-54.